



CARTA
JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA
ARCEBISPO PRIMAZ



CARTA CATÓLICOS DE BRAGA

CARTA - OUTUBRO MMXXI

CARTA AOS CATÓLICOS DE BRAGA

Ao entrarmos na caminhada sinodal, pareceu-me que poderia ter interesse partilhar algumas ideias sem intenções previamente estabelecidas. Não pretendo fazer um exame de consciência sobre o caminho percorrido pela Arquidiocese de Braga nos últimos anos, nem muito menos lançar-me em questões que possam estabelecer um processo pastoral para o futuro. Para ouvir o que o Espírito quer dizer à Igreja neste momento histórico, senti que era importante elencar um conjunto de ideias, já assumidas pela teologia, e que poderão acompanhar a reflexão a fazer a diversos níveis. O Sínodo terá de ser uma aventura, não só para dizer o que convém ou parece mais oportuno, mas deverá tornar-se partilha reflectida, capaz de encontrar a novidade que ainda poderá faltar. Um despretenso substrato doutrinal pode ser inspirador. Não é imposto ou sugerido. Pode estruturar algumas intuições.

Nesta hora em que me encontro perante a Arquidiocese, compete-me partilhar, de um modo pobre e desprendido, alguma experiência que poderá ser aceite ou não. Trata-se de uma carta amiga, escrita a todos os cristãos que a queiram ler. Não ousou chamar-lhe Carta Pastoral ou Nota Pastoral. Não se trata de uma Carta Pastoral. São apontamentos. Com esta atitude, gostaria de ser um que caminha nesta terra de Braga com quantos se interrogam sobre o futuro da Igreja. Um dos que ouviu os anseios do povo e sente de lhe deixar algo que foi vivendo. Não o faço como testamento ou despedida. Gostaria, apenas e só, de ser um testemunho que coloco no coração de quem o quer receber. Se algumas destas ideias gerarem intuições que ajudem a compreender o ser e o fazer da Igreja como Sinodalidade vivida na Comunhão, Participação e Missão, darei graças a Deus e retribuirei a todos quantos me foram ajudando a entender melhor a Igreja do Concílio Vaticano II.

Senti-me estimulado a escrever esta carta de amizade a todos os cristãos que a queiram ler quando vi o que aconteceu com um teólogo alemão, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), quando escreveu a um pequeno familiar por ocasião do seu baptismo (em Maio de

1944), em plena catástrofe da segunda Guerra Mundial. Neste texto dramático que nos arrepia, Dietrich Bonhoeffer culpa-se a si próprio e à sua Igreja (Protestante) por não ter sido capaz de ter evitado aquela catástrofe por meio da sua evangelização e, ao mesmo tempo, deixa alguns princípios para que, no futuro, o seu pequeno familiar possa construir uma Igreja (e uma sociedade) diferente. Desses princípios, Bonhoeffer insiste especialmente num: o princípio escatológico, em que mais do que projectar (acção humana) é preciso saber esperar (discernir a vontade de Deus).

Do mesmo modo, neste momento de “despedida” gostaria de importar este exemplo para a nossa Igreja Católica que se encontra em Braga e que inicia um período especial de Sínodo. O poeta romano Cícero dizia que uma das virtudes da velhice em relação à juventude é a «sabedoria do tempo». É partindo disto que, olhando o actual presente a partir do futuro (promessa), e não o futuro a partir do presente, vos deixo estas simples palavras, meus caros católicos da amada Arquidiocese de Braga.

Não me compete fazer futurologia, mas gostaria de narrar-vos a Igreja que nós, os inúmeros católicos da Arquidiocese, procuramos construir na pluralidade das nossas vidas, contextos e locais... aquilo que herdamos e procuramos implementar... e, daqui, descrever o caminho que nós tentamos deixar em aberto para a vossa Igreja de amanhã. Não vejo outra finalidade no Sínodo, a não ser tornar-se uma graça para o futuro da Igreja.

Mas, antes disso, preciso de vos contar rapidamente dois momentos cruciais e marcantes na história recente da Igreja Universal e Diocesana, para assim conseguir explicar-vos melhor a Igreja que hoje somos: Vaticano II e o Sínodo Bracarense.

1. UM CONCÍLIO QUE HERDAMOS

Antes de mais, gostaria que soubesses que nós somos «filhos do Concílio Vaticano II» (1962-1965): somos filhos porque herdamos

a mudança que este evento operou na Igreja Universal. Um concílio que nos ensinou que, antes da diferença que distingue os membros do Povo de Deus, está um elemento que a todos nos une: o batismo que nos torna membros do Povo de Deus. Um sacramento que não é um cartão de cidadão para entrar numa sociedade fechada, mas uma identidade que nos responsabiliza a transformar a sociedade civil. Não queremos ignorar nem dominar a realidade, pelo contrário: queremos transformá-la (GS 1). A comunhão, uma nova compreensão do ser humano e um novo método em olhar a acção pastoral, são alguns dos grandes pilares da novidade conciliar.

Gostaria que soubésseis o quão belos e exigentes foram os tempos do pré e pós Concílio. Dou graças a Deus por ter realizado os meus estudos teológicos em tempo de Concílio. Ordenei-me em 1967 e o Concílio encerrou-se em 1965. A formação não podia expressar a novidade das Assembleias sinodais. Vivi entre o antes de expectativas de uma renovação e o depois de um sonho de difícil concretização.

Fomos respigando alguma ideias. Talvez nos tivéssemos apegado demasiado à reforma litúrgica e negligenciado um pouco a novidade dos outros documentos. Era a preocupação de ver que algo estava em movimento. A assimilação do Concílio foi díspar. Uns abraçaram-no com coragem. Outros teimaram em persistir nos esquemas tradicionais. As estruturas foram-se adaptando lentamente e o processo de renovação iniciou-se. Não foi fácil. Emergiram tendências novas e permaneceram muitas rotinas. Mas, para bem do Povo de Deus, a renovação estava em movimento e foi muito interessante verificar que o Espírito ia conduzindo a Igreja com muitas alegrias e demasiadas insatisfações. Pessoalmente, tive a graça de me encontrar a viver com um grupo de sacerdotes e numa experiência de âmbito mundial. Verifiquei que a Igreja não era só estrutura, mas vivência do amor de Deus a solidificar relações fraternas geradoras de Cristo na comunidade para que continuasse a agir em ordem a um mundo unido. A centralidade estava na Palavra, tornada palavra de Vida, e a Igreja abria-se ao mundo num diálogo ecuménico, inter-religioso e inter-

-cultural. O Concílio estava em movimento e apresentava-se sempre como fonte de uma renovação eclesial que permanece inadiável.

2. UM SÍNODO QUE GERAMOS

Além de filhos do Concílio, somos «pais do Sínodo Bracarense» (1994-1997): somos pais porque temos a obrigação de continuar a concretizar este projecto pastoral que geramos para a Igreja em Braga, numa concretização do ideal do Vaticano II. Não tive a responsabilidade de arcebispo, mas tenho de confessar que nele muito versei do meu entusiasmo e da minha esperança numa Igreja renovada e a renovar.

Gostaria que soubésseis o empenho laical que este Sínodo implicou. A lenta, mas profunda, escuta dos leigos de toda a Arquidiocese de Braga, permitiu pensar uma Igreja não apenas a partir dos intelectuais em pastoral, mas também a partir da vivência concreta dos fiéis.

Foi consolador experimentar a riqueza dos grupos sinodais espalhados por toda a Arquidiocese. Houve muito trabalho e reflexão. Deixamo-nos inquietar pela urgência da evangelização a partir das paróquias. As assembleias sinodais significaram uma recolha de uma reflexão comunitária que, sistematizada em documentos, continua a ser referência. Se tivéssemos a vontade de reler quanto ficou determinado e, sobretudo, a paixão unitária em concretizá-lo, as nossas comunidades teriam um rosto mais evangelizador através do que devem ser e do que necessitam de fazer. Recordo não o trabalho cansativo, mas a paixão colocada no diálogo, no confronto de ideias, na alegria de estar a corresponder a quanto o Espírito pretendia para a Igreja.

Foi um momento marcante da última década do séc. XX. Hoje temos muito a aprender com tudo quanto aconteceu naqueles três anos. A Arquidiocese necessita de visitar os documentos conclusivos, mas sobretudo recordar o trabalho sinodal realizado. Os documentos valem. A experiência de comunhão e participação merece ser recordada por quem nela esteve envolvido e copiada pelos

que vieram a seguir. O Espírito Santo interpelou. O projecto e a dinâmica continuam a desafiar.

3. UMA IGREJA QUE DESEJAMOS

Por tudo isto, deixo agora cinco caminhos da Igreja para o futuro. Ou seja, cinco tendências que nós procurámos cultivar na Igreja, nas nossas diversas propostas e iniciativas ao longo destes 22 anos, esperando que ela no futuro seja mais próxima do ideal do Reino de Deus. Apresento-vos esses elementos de um modo sintético, sob cinco chaves de leitura: pessoal, local, estilo, método e finalidade.

3.1 MENOS CLERICAL E MAIS LAICAL (PESSOAS)

Uma Igreja que seja menos clerical e mais laical. Fomos construindo uma Igreja que não caísse no erro de, em nome dos leigos, dispensasse os seus presbíteros, ou que em nome dos presbíteros ofuscasse o papel dos leigos, mas uma Igreja que potencia os dons e carismas destas duas formas sacerdotais: sacerdócio comum e ministerial.

Acredito que, no tempo futuro, a Igreja será composta por párocos que já não estão tanto ao «serviço da comunidade», mas ao «serviço na comunidade». Do padre “prestador de serviços” ao padre que vive na e com a comunidade, sendo sinal visível da presença de Deus que habita no meio do seu povo. E, quem sabe, talvez haja até um novo estilo de vida sacerdotal a partir da experiência de S. Agostinho, no qual o voto de pobreza fará parte do estilo dos padres diocesanos. Antes ser cristão “com” e depois padre “para”. Habitamo-nos a ter muitos sacerdotes. Sabemos quantos somos e quantos seremos nos próximos anos. A paroquialidade, necessariamente, vai ser interpretada de um modo diferente.

Os leigos provavelmente partilharão a mesma responsabilidade pela comunidade, porque a comunidade não é uma propriedade do pároco. Este é o seu primeiro responsável, não o seu proprietário. O

conselho pastoral paroquial (e inter-paroquial) será um autêntico primeiro exercício de sinodalidade. Estou certo que surgirão ainda outros ministérios que expressarão uma maior participação laical nos três campos da acção paroquial (liturgia, catequese e caridade), bem como uma maior valorização dos movimentos laicais e, sobretudo, da Igreja doméstica (a família como célula da Igreja e da sociedade). E, sem dúvida, a mulher assumirá progressivamente um papel mais central e decisivo na vida da Igreja, à imagem de tantas mulheres que a Sagrada Escritura nos relata.

Recordemo-nos, desde logo, da figura decisiva de Maria (Lc 1, 26-38), a bendita entre as mulheres pela qual Deus decide encarnar na nossa realidade. Aliás, a particularidade mariológica do nosso rito bracarense é um sinal da nossa antiga devoção a Maria e da consciência do papel da mulher na vida da Igreja. Na multiplicidade de tantos santuários espalhados pela Arquidiocese reconhecemos Maria como a primeiro discípula. Colocada na primeira fila dos discípulos (Capela da Imaculada), está a estimular-nos para a ousadia de sermos, aqui e agora, pequenas Marias que acolhem a Palavra na sua integridade e realizam a missão de gerar Cristo no coração da cidade dos homens.

8

3.2 MENOS TERRITORIAL E MAIS COMUNIDADE (LOCAL)

Uma Igreja que seja menos territorial e mais comunidade. Fomos construindo uma Igreja não concebida como uma sociedade fechada, mas como uma autêntica comunidade.

Acredito que no nosso tempo e no futuro, concretizar-se-ão cada vez mais novas formas de organizar a Igreja local, compreendendo a paróquia além da sua dimensão territorial, tal como as Unidades Paroquiais e um Colégio de Paróquias com as novas paróquias em função do seu exercício pastoral (escolas, hospitais, emigrantes...). Uma Igreja em que haverá uma maior aproximação da diocese às paróquias, e das paróquias à diocese, num trabalho com a diocese e não à margem da diocese.

Estou convicto de que também se acentuarão os recentes desafios à missão da Igreja: a ecologia (casa comum), a implementação de uma sociedade digital e o novo panorama da realidade geo-política.

Mas, diante de todos os desafios, à Igreja só lhe compete ser fiel à sua origem, tendo por base o modelo da comunidade primitiva (At 2,42-27). A tentação continua a ser de uma Igreja possuidora da verdade com direitos para a impor a partir da autoridade. Tudo partiu de um modelo concreto. Os séculos passaram, mas a referência mostra opções pelas pessoas e a responsabilidade de crescer num relacionamento afectivo que une em todos os momentos por causa do Evangelho acolhido e de Cristo que quis ficar presente na comunidade (Mt 18, 20). Ele une as diversidades e exige uma complementaridade expressa na partilha do que se é e se tem. Inevitavelmente, o amanhã da Igreja passa por um regresso às fontes, numa fidelidade às raízes na alegria de ser de todos os tempos.

3.3 MENOS PASTORAL E MAIS ESPIRITUAL (ESTILO)

Uma Igreja que seja menos pastoral e mais espiritual. O foco da acção eclesial nas últimas décadas foi a prática: uma prática absoluta em que muitas vezes se desligou da teoria e, mais grave, se desligou da espiritualidade. Por isso, teremos de recuperar a necessária espiritualidade de base, de onde tudo parte e tudo chega. Não será uma espiritualidade individualista cimentada no esforço e no cumprimento de prescrições. Deverá surgir a espiritualidade do “nós”.

Acredito que no nosso tempo e no futuro se recuperará mais a centralidade da Eucaristia: uma nova vivência deste sacramento, recuperando a espiritualidade eucarística nas suas diversas formas da piedade popular. Porque podemos dar o que temos, só levando Jesus bem enraizado dentro de nós O poderemos comunicar aos outros.

Recordemo-nos daquela passagem dos discípulos de Emaús: é na gestualidade da fracção do pão e na escuta das Escrituras que eles re-

conhecem a Jesus, e daí partem a anunciá-Lo aos outros (Lc 24,13-15). Este ícone recordar-nos-á que o caminho sem a certeza de uma presença divina não permitirá a verdadeira compreensão da Palavra, afastando-nos da cidade onde a Ressurreição deverá acontecer permanentemente. Não somos caminhantes solitários. Caminhamos sempre com Alguém que sabe explicar o que verdadeiramente acontece e dá paixão para que os corações ardam de zelo pela causa do Reino.

3.4 MENOS BUROCRÁTICA E MAIS CARITATIVA (MÉTODO)

Uma Igreja que seja menos burocrática e mais caritativa. Sempre vivemos a tentação de reduzir a Igreja a um gabinete de prestação de serviços. A burocracia é necessária, sem dúvida, mas este é um elemento secundário. Por isso, fomos edificando progressivamente a passagem de uma “Igreja dos papéis” (centrada nos certificados) a uma “Igreja dos fiéis” (centrada nas pessoas).

10

Acredito que, no nosso tempo e no futuro, a caridade, nas suas múltiplas formas, será o maior código de barras no meio da trama humana. A necessária relação entre a fé e as obras, em que ambas se implicam mutuamente (Mt 25, 31-46; Tg 2,14-26), permitirá que, por causa da acção, o nosso discurso (teológico) ganhe espaço e autoridade no meio de tantos discursos sociais: pois a fé (interior) orienta o sentido das obras (exterior), e as obras atestam a autenticidade da fé. A passagem de Mateus deverá tornar-se exame de consciência pessoal e comunitária. O significado e o verdadeiro perfil da acção social está nesta página evangélica.

Recordemo-nos daquela bela passagem do Bom Samaritano (Lc 10,29-37): o seu amor ao próximo leva-o a um gesto que rompe com o conformismo e legalismo social, porque a caridade não tem limites. Portanto, que seja uma caridade que ilumine a burocracia, e não uma burocracia que bloqueia a caridade.

O Programa Pastoral deste triénio está a conduzir-nos para uma história a repetir. Queremos ver com realismo, corresponder com

gestos de solidariedade e fraternidade e acompanhar com solicitude todos quantos encontramos nos caminhos perante uma Igreja em saída, que não teme o que poderá encontrar.

3.5 MENOS FOCADA NA IMPOSIÇÃO E MAIS NA CONVICÇÃO (FINALIDADE)

Uma Igreja que seja menos focada na imposição e mais na convicção. Creio que se trata provavelmente do maior desafio a esta Igreja milenar que está em Braga: aceitar uma nova forma de cristianismo, em que devemos ser cristãos não por tradição, mas por convicção (sabermos dar aos outros as razões da nossa esperança). A tradição é longa e honrosa. Sem encontro pessoal e motivado com Cristo, corre-se o risco de uma musealização de crenças e rotinas tradicionais a reconhecer como património imaterial.

Ao longo destes anos, fomos tomando consciência que a Igreja deverá saber interpretar um novo princípio da evangelização: mais do que impor a nossa fé à sociedade, queremos contagiar a sociedade com a nossa fé.

Daí que no, nosso tempo e no futuro, acredito que ter-se-á obrigatoriamente de dialogar e incorporar os novos destinatários da evangelização: os não-crentes e os crentes de outras profissões religiosas, exigindo-nos uma grande capacidade ecuménica, inter-religiosa e cultural.

Creio que os nossos inúmeros santuários espalhados por toda a Arquidiocese poderão ser um ponto de encontro com eles, quer pela oferta religiosa e cultural que proporcionam, mas sobretudo por oferecer ao homem pós-moderno o primeiro património imaterial da humanidade: o silêncio (1Re 19,12). Precisamos de um silêncio eloquente que não é mutismo que parte de uma solidão habitada por tudo quanto é humano.

Recordemo-nos daquelas duas passagens evangélicas em que a fé e a conversão não advêm pela imposição, mas pelo diálogo e o

encontro: a samaritana (Jo 4,42) e Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19,5). Jesus não regateou o tempo. Não teve pessoas. Não tinha discursos pré-concebidos. Mostrou alegria em estar e compreendeu as situações sem as condenar. O amor passou para além das palavras usadas.

Concluindo e resumindo, alicerçados na história multiseccular da Arquidiocese, experimentamos a alegria e a responsabilidade de um Concílio e de um Sínodo Diocesano. Hoje desejamos e trabalhamos por uma Igreja que parte das pessoas dando mais espaço aos leigos nas pegadas de Maria (Lc 1, 26-38), que se estrutura a partir de um novo local, a comunidade (Mt 18, 18; At 2, 42-47), que adopta um estilo espiritual (Lc 24, 13-15) que assume um método de opção pela caridade (Mt 25, 31-46; Tiago 2, 14-26), que se deixa interpelar pela finalidade de maior convicção (Jo 4, 42; Lc 19, 5).

As citações bíblicas que fiz não são apenas confirmativas das ideias expostas. Ficam como convite a reflexão orante por parte de sacerdotes e leigos. Individual ou comunitariamente. O Espírito sugerirá o que as palavras não dizem.

12

4. UMA PALAVRA E UM VERBO PARA O NOSSO VOCABULÁRIO CATÓLICO

Por fim, caro católico de amanhã, despeço-me com um pedido: gostaria que, no meio desta floresta de palavras, voltásseis a recuperar e reaprender uma palavra para o vosso vocabulário católico.

O saudoso Arcebispo S. Bartolomeu dos Mártires, a quem a Igreja presente tanto lhe deve pelas reformas que operou no passado, deixou-nos em herança dois verbos da sua acção pastoral: arder e iluminar. Quanto a mim, gostaria de vos propor mais um verbo. Um verbo que advém de um substantivo que me é muito caro: unidade.

A este substantivo, proponho a criação de um novo verbo: unidar. Porque a unidade nem significa “unir” (simples juntar de ele-

mentos diversos), nem “unificar” (pegar em elementos diferentes para se construir uma única forma), mas é precisamente um aproximar de elementos diversos entre si e a procura de um elemento comum que os una sem renunciar à sua identidade particular. Em suma, “unidar” é mais que a simples união ou conformidade: é um congregar as diferenças para se construir a comunhão. A comunhão procede da unidade, e não o contrário.

E porquê? Porque nem todas as promessas políticas, nem todos os remédios farmacêuticos, nem todas as ofertas sociais, nem todos os projectos tecnológicos, nem todos os discursos musculados... acabam por preencher por completo a nossa vida humana, pois há sempre um vazio em nós que só Deus, e mais ninguém, pode preencher. E a unidade é o caminho mais profícuo... Não sou eu que o digo, mas o próprio Jesus (Jo 10,30). As últimas palavras de Jesus, expressas em forma de oração e antes de entrar no Jardim das Oliveiras para se entregar livremente pela humanidade, propõem o caminho da unidade para que o mundo acredite. Toda a vida de Cristo se concentra aqui (Jo 17, 1-23). Acontece como Testamento ou legado. Não havia mais nada a dizer. Bastava o Calvário para mostrar que a Sua mensagem não consistia em palavras. Deus amou primeiro. Convidando para que saboreássemos o Seu amor, prolongando a Sua presença na história dos homens, vivendo, antes de tudo, o amor mútuo e recíproco. Poderemos procurar muitas ideias ou projectos. Teremos de o fazer sinodalmente. Se tudo não parte da unidade, manifestada na vontade de dar a vida uns pelos outros, poderemos ter muitos sonhos e processos. A primeira contrariedade faz com que tudo desapareça.

Teremos de partir da unidade para experimentar unidade entre todos para que o mundo possa ver o amor Uno e Trino de Deus, acreditando no seu nome. Nesta tarefa da “unidade”, voltaria a recordar o que inspirou o meu lema episcopal e armas que o procuram explicitar. Tudo parte de um M de Maria que deveria ser indicação e proposta de um desejo de ser discípulo missionário de um modo muito

evidente e concreto. Maria rezada, mas sobretudo Maria imitada.

O encontro com a cruz no caminho individual e comunitário é inevitável, nunca como o fim, mas como alegria de ser abraçado para que a passagem para Páscoa das pessoas, das comunidades e da sociedade aconteça.

A romã permanece prefigurativa da alegria de cada um ser um “eu”, mas em comunhão articulada com o todo para a beleza de uma Igreja a dizer Deus ao mundo.

Por último, caríssimo irmão católico de hoje e de amanhã, não tenhas medo do tempo que enfrentas, e confia naquele que venceu o mundo (Jo 16, 33). Sem esta convicção pessoal não vale a pena iniciar a caminhada.

Rezo por vós e peço à nossa Santa Maria de Braga, a Senhora da Alegria, que nos auxilie no tempo que enfrentamos! E peço que rezem por aqueles que neste tempo procuraram amar e construir esta Igreja que está em Braga. Foram e são multidão. Alguns conhecidos, outros anónimos. Que a oração constante faça de nós um só corpo e nos conceda a alegria e a serenidade de continuarmos a edificar Igreja, constituída por muitos ou poucos, mas sempre de corações abertos para estar com todos e a todos oferecer a ternura de Deus.

Depois, nunca nos esqueçamos de um princípio: mais do que projectar a vontade humana e sonhar juntos, é mais importante saber esperar a vinda do Senhor (Mt 24-42). Ele virá e dará a Sua recompensa àqueles que com Ele caminham servindo, em Seu nome, a humanidade ferida.

Quando estamos a dar vida a uma Igreja sinodal, a Igreja de hoje e de amanhã, temos a certeza de que Ele é o Caminho (Jo 14, 6), caminha connosco nos momentos bons e maus (Mt 28, 20; Jo 14, 18). Nunca estamos sós. Com Ele tudo é possível.

22 de Outubro de 2021, Solenidade de S. Martinho de Dume,
padroeiro principal da Arquidiocese de Braga

+ Jorge Antiga, A. Pinheiro



www.arquidiocese-braga.pt